

Acervo ISA
Handele
20-1073

PARQUE NACIONAL DO XINGU TRANSFORMOU-SE NO PARAÍSO DOS ANTROPÓLOGOS DO MUNDO INTEIRO, QUE ALI PODEM ESTUDAR COSTUMES PRIMITIVOS E CAPTAR A INTELIGÊNCIA E A BELEZA DOS ÍNDIOS BRASILEIROS

OS ÚLTIMOS SERES LIVRES

Reportagem de CARLOS ROBERTO DA SILVA • Fotos de NEWTON RICARDO

NO princípio só havia Mavutsinim. Vivia só, sem mulher, filhos ou parentes. Andava pela mata, caçava e pescava num mundo escuro, pois o Sol ainda não existia. Conversava apenas com árvores e animais. Um dia, usando seus poderes mágicos, fez uma concha se transformar em mulher. E se casou com ela. Quando o primeiro filho nasceu, perguntou a ela: — É homem ou mulher?

— É homem.
— Então vou levá-lo comigo.
Mavutsinim embrenhou-se com a criança mata adentro, abandonando a mulher, que virou concha outra vez.
“Nós — dizem os índios — somos netos do filho de Mavutsinim.”



Uma índia camaiurá pintada para a guerra (tal como os homens), durante uma cerimônia. O cabelo preso significa bravura nos combates. Ao lado, duas jovens da mesma tribo, no período de reclusão que antecede ao casamento. Elas podem ser prometidas ao noivo antes mesmo de nascerem.



Os índios do Xingu podem ter várias mulheres, mas a

maioria deles prefere uma só. A infidelidade é punida com surras na mulher e morte para o violador da paz conjugal

MAVUTSINIM teve 4 milhões de netos. Pelo menos, era essa a população indígena brasileira, quando aqui chegaram as naus de Cabral. Hoje, quase cinco séculos depois, restam pouco mais de 100 mil, concentrados — ou diluídos — em pequenas regiões. De sua cultura, restaram apenas as lendas

contadas pelos velhos, em volta do fogo das aldeias, nas noites em que se ensinava aos meninos a história do velho que criou o mundo, senhor do rio e da mata. Transmitida oralmente, de geração a geração, essa lenda é a própria essência da cultura indígena. Por isso, sua origem real é ainda um mistério. Como os

índios chegaram ao continente americano? Como se desenvolveram, ocupando pontos remotos do território brasileiro? São perguntas que até hoje ninguém conseguiu responder. Toda a pesquisa antropológica baseia-se nas lendas dos pajés e nos poucos resíduos culturais das tribos que viveram há 2 ou 3 mil anos.

SEGUE



Na tribo dos camaiurás, os homens pintam as mulheres antes das cerimônias festivas (no alto e acima). As tintas são obtidas de essências vegetais, sendo muito usados o vermelho e o preto. Ao lado, as índias dançam diante da tribo. A primeira delas é a esposa do chefe Tacumã.



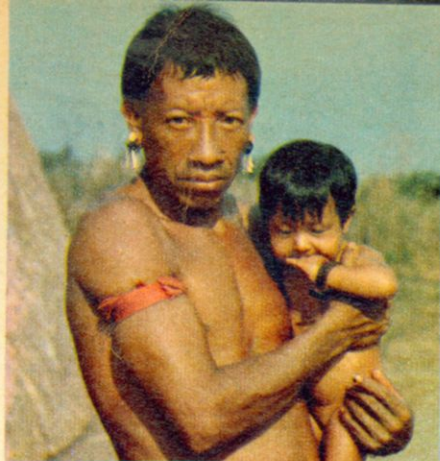


**Os índios sabem ocupar
o seu tempo com alegria. E se
acaso um dia
chega a tristeza,
ela é lavada pelas
águas de um
simples banho**

A esquerda, um índio iaulapiti tece uma palha especial para proteger o joelho. À direita, um iaulapiti toma um banho para tirar a tristeza. Depois da morte de um parente ou amigo, o índio se entrega à melancolia, chorando e lamentando a perda da pessoa querida. Muitos chegam a morrer de dor. O parente mais próximo do morto, em certas ocasiões, dá um banho coletivo na tribo, a fim de que a vida recomece para toda a aldeia.



**Conservando
suas tradições
milenares, eles
resistem ao
acultramento**



SEGUNDO os antropólogos, os nossos índios — como toda a população nativa da América — são originários da Ásia Mongólica. Descendem de levas de migrantes que, partindo da Ásia em tempos remotos, alcançaram o continente através do estreito de Bering. Afirmam os antropólogos que este deslocamento se iniciou há 20 mil anos (ou 40 mil, segundo outros). Em épocas mais próximas, novos contingentes,

polinésios de origem asiática, chegaram à América através do oceano Pacífico. Apesar de todas as pesquisas realizadas, a origem desse povo constitui um enigma que provavelmente jamais será decifrado. Espalhando-se pelo interior do continente, em épocas anteriores a 1500, suas culturas se diversificaram a tal ponto que, oficialmente, podem ser contados no Brasil quatro grandes grupos linguísticos.

SEGUE

e consideram ridículas as normas civilizadas do homem branco



No alto, um chefe txicão, com o filho ao colo. Acima, um índio camaiurá, com o seu colar de caramujos. É o adorno mais precioso da tribo e muitas vezes representa um dote de casamento. Ao lado, Monaim, o filho do chefe meinaco.



**AS JOVENS
SÃO PREPARADAS
DESDE A
PUBERDADE
PARA AGRADAR**

**O HOMEM E ENFEITAR AS CERIMONIAS DA TRIBO, SENDO PINTADAS
COM SUCOS DE FRUTAS COMO O JENIPAPO E O URUCUM**



Os grupos lingüísticos, catalogados até hoje, são os seguintes: tupi, jê, caribe e aruaque, além do dialeto utilizado pelos grupos Pano e Xirianá. Os índios brasileiros não possuem linguagem escrita. Apesar disso, em muitas partes do país têm sido descobertos caracteres ideográficos, mas suas origens e significados permanecem desconhecidos. O simples exame de um mapa do Brasil, onde esteja assinalada a distribuição geográfica das populações indígenas, permite verificar que determinadas regiões funcionam como pólos de atração ou convergência para numerosos grupos. O sul de Mato Grosso, o Alto Rio Negro, e o Alto Xingu são os locais onde está concentrado o maior número de índios e é ali que a sua cultura ainda resiste às condições impostas pela civilização. Na região sul de Mato Grosso registrou-se o fenômeno que sempre ocorre quando o homem branco penetra numa área indígena: algumas tribos se extinguíram ou se dissolveram na massa invasora. Para sobreviverem fisicamente, pagaram o preço do sacrifício total de sua cultura. Embora em menor escala, o mesmo aconteceu no Alto Rio Negro. Somente na região do centro brasileiro sobrevivem inúmeras tribos que resistiram à penetração do homem branco: o Parque Nacional do Xingu é a única reserva indígena do mundo onde os grupos nativos mantêm sua autenticidade cultural. Ali, em 30 mil quilômetros quadrados de matas e cerrados, vivem 15 tribos — Camaiurá, Vaurá, Txicão, Trumai, Cuicuru, Matipu, Cajabi, Txicarramãe, Juruna, Suiá, Meinaco, Calapalo, Vaueti, Nafuquá e lualapiti —, representando todos os troncos lingüísticos básicos e compondo o chamado grupo xinguno. Algumas delas estão tão intimamente ligadas entre si que poderiam ser consideradas uma única nação.

Seus hábitos são os mesmos, organizam-se identicamente, têm em comum as mesmas crenças e superstições. Estas tribos realizam festas e cerimônias semelhantes, e conservam as mesmas concepções sobre todas as coisas e aspectos da vida e do mundo. A única exceção é a tribo Txicão, originária de outra região e que foi introduzida na área do parque há seis anos. Ela preferiu manter-se isolada, recusando a assimilação intertribal. O Parque Nacional do Xingu — criado em 1961, por decreto do então Presidente Jânio Quadros — transformou-se num paraíso para os cientistas sociais, que vêm de todas as partes do mundo para observar costumes datados de tempos pré-históricos. Ali se realiza uma fantástica viagem no tempo, permitindo uma visão completa do modo de vida do homem em suas primeiras fases de desenvolvimento.

ANALISA-SE também a grande inteligência do índio, cuja cultura é surpreendentemente elaborada, demonstrando uma sagacidade proporcionalmente superior à

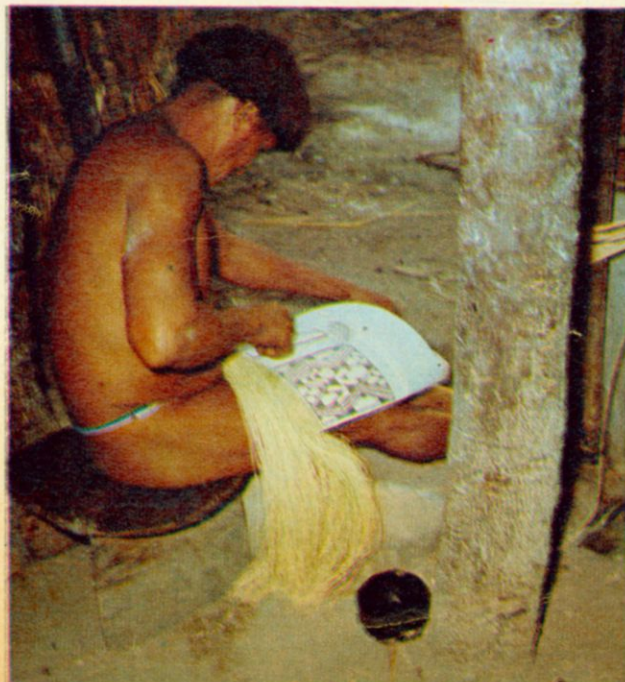
do homem das grandes cidades. Na selva, cada um é capaz de construir os rudimentos de sua própria civilização. E há ainda a estudar a extraordinária saúde do índio e sua perfeita adaptação ao meio ambiente. O que vem a ser, exatamente, um povo tribal, e como difere de outros grupos nativos? Muitos antropólogos afirmam que o termo tribal pode ser aplicado a povos que vivem em comunidades autônomas politicamente, o que poderia ser considerado o estágio mais avançado do controle comunitário. De modo geral, são grupos que falam o mesmo idioma. Entretanto, um mesmo grupo lingüístico pode ser dividido em diversas tribos. Algumas delas, como as do Alto Xingu, costumam ser incorretamente descritas como vivendo na idade da pedra. Desmentindo isso, existem dois argumentos principais: 1) Os xingunos usam ferramentas de metal aproximadamente há 100 anos. Como outros povos primitivos, obtiveram algumas delas em contato com o europeu e desde então foram transmitidas por herança, de geração a geração; 2) Eles não são apenas caçadores e coletores, como os

homens da idade da pedra, pois praticam a agricultura com excelentes resultados. O antropólogo Roberto Carneiro observou que o grupo dos Cuicurus, trabalhando apenas duas horas por dia, consegue obter produtos agrícolas que constituem 85% das necessidades da tribo. O restante do tempo eles passam caçando ou pescando, ou em atividades religiosas e no lazer. O grupo Cren-acorore, que habita o extremo norte do Parque Nacional do Xingu, durante muito tempo foi considerado o povo mais primitivo da região, pelo fato de não utilizar normalmente o arco e a flecha e por caçar com enormes machados de pedra. Entretanto, com os trabalhos de aproximação do grupo, realizado pelos irmãos Vilas Boas, esta imagem se desfez completamente.

OS Cren-acorore são possivelmente os melhores agricultores de toda a região. Vistas do alto, suas roças são trabalhos verdadeiramente artísticos: apresentam formas geométricas, cortadas por linhas retas estabelecendo divisões perfeitas para separar os produtos e obter maior rendimento em um mesmo espaço de terra. A população indígena do Xingu é basicamente agricultora. A caça e a pesca constituem uma pequena parcela da alimentação habitual das tribos e são mais um divertimento que uma necessidade. As aldeias xingunas são pitorescamente coloridas. O índio ali é feliz e toda a sua atividade pessoal está voltada para o bem-estar da comunidade. Mesmo os velhos, impossibilitados de trabalhar, realizam trabalhos caseiros, principalmente artísticos, destinados a preservar a cultura e as tradições da tribo.

SEGUE

A esquerda, um indio camaiurá fabrica uma máscara sagrada, usando materiais primitivos, como dentes de piranha ou conchas. À direita, uma índia da mesma tribo inicia uma rede, fiando o algodão a fim de obter um tecido maleável e resistente.



EDI
1.721
114 125

As índias dedicam-se aos afazeres



domésticos, cuidando da criação de aves e animais ou providenciando a farinha de mandioca

O índio do Xingu tem perfeita consciência da ameaça de extinção criada pelo avanço da civilização, e por isso despreza a tecnologia do homem branco, considerando-a ridícula e desnecessária.

As construções são praticamente pré-fabricadas, de maneira a permitir seu transporte, na estação das secas, para a margem dos rios onde serão remontadas. Estas casas são resultado de um trabalho cuidadoso: eles trançam folhas e fibras de palmeira para formar uma espécie de tela bastante resistente, capaz de durar anos, mesmo sob a ação de chuvas torrenciais ou secas prolongadas. As casas são comunais e podem abrigar mais de 30 pessoas.

Muitos índios têm apenas uma esposa, apesar de os códigos tribais permitirem a poligamia. O adultério praticamente não existe, passando-se muitos anos sem que ocorra um único caso. Mesmo assim, as leis punem as esposas infiéis: o marido tem direito de repudiá-la, de aplicar-lhe surras ou matar o violador. O ritual do casamento é dos mais complexos do universo cultural do índio. As meninas, assim que atingem a puberdade, são aprisionadas no interior da casa dos pais e de lá só sairão para o casamento. Durante esse período, a futura noiva não poderá sequer ver a luz do sol. Os cabelos irão crescer e cobrirão todo o rosto, para que nenhum estranho a veja. E assim permanecerá por tempo indeterminado, até que o pai marque a data do casamento.

DURANTE seu período de reclusão, a menina aprenderá as obrigações da mulher para com o esposo, conhecerá seus compromissos com a tribo, será instruída para o relacionamento sexual. Cada noiva deve saber exatamente o que fazer para agradar ao seu homem e deverá comportar-se discretamente diante dos amigos do esposo, evitando principalmente dar qualquer opinião em assuntos vitais para a tribo, como a economia e a guerra. É durante as grandes festas tribais que o período de aprisionamento tem fim. Os preparativos começam pela madrugada: a noiva toma banho com ervas especiais, corta os cabelos, formando uma franja, pouco acima dos olhos, e permanece em silêncio

até o momento de sair. Tendo passado vários dias sem apanhar sol, seu corpo estará muito branco e por isso a sua ornamentação será colorida. O **huluri**, cinta de fibras passada sobre o ventre, deverá ser novo e nunca usado.

COM o início da cerimônia, a moça deixará a casa, acompanhada de tocadores de flautas sagradas — os **jacuis** — e será apresentada à comunidade, para que todos vejam que ela se tornou forte e bela. A moça percorrerá lentamente a **ocara**, praça central da aldeia, tocando levemente o ombro dos homens que carregam as flautas, e toda a tribo festejará o acontecimento. Se durante o período de duas chuvas (aproximadamente 2 anos) o casal não tiver filhos, o casamento será automaticamente anulado e ambos procurarão constituir uma nova família.

Também os meninos são aprisionados. Seu período de reclusão é muito maior, podendo variar de alguns meses a muitos anos. No compartimento reservado no interior da casa dos pais, eles aprenderão os segredos da guerra e da economia, conhecerão, através das histórias contadas pelo pai e pelo pajé, as lendas e tradições de seu povo. Ali também serão instruídos nas lutas, tornando-se grandes guerreiros. São submetidos a um regime de superalimentação, tomando habitualmente uma espécie de soro da juventude, fabricado pelo pajé de uma raiz chamada mucuna. Esta é ralada, fervida e transformada em xarope, que deverá ser tomado poucas vezes durante o resto da vida. A reclusão dos jovens só será interrompida durante o **quarup** — a grande festa do funeral, realizada durante a lua cheia de setembro —, onde os jovens lutarão entre si e receberão as honras de campeão da tribo. Mais tarde, eles serão os chefes.

CADA aldeia possui um ou mais chefes, que exercem influência mas não têm autoridade efetiva sobre a tribo. O poder está formalmente depositado nas mãos do **taxauá**, mas as decisões que afetam a vida da tribo serão tomadas num grande conselho, constituído de todos os grandes **capitães** (chefes de cada família). Um código nunca

escrito, mas presente em todas as consciências, regula a atividade do grupo.

Os pajés ou **shamans** — que conhecem as ervas, as práticas medicinais e os ritos — são venerados e têm grande influência na tribo, por causa de seu contato com o **mamaé**, espírito da floresta e das forças da natureza. Eles não são preguiçosos e desocupados, como tradicionalmente são considerados os feiticeiros. Pelo contrário: caçam, pescam e trabalham como todos.

A diferença entre o papel dos homens e das mulheres nas atividades econômicas e nos ritos é bastante acentuada. Elas não têm acesso aos segredos religiosos e as fórmulas mágicas. Entre os Camaiurá, os homens cuidam zelosamente das flautas sagradas — consideradas como símbolos fálicos de grande magia — que ficam guardadas na **casa dos homens**, no centro da taba. Esta construção é considerada território proibido às mulheres, que não podem sequer olhar para seu interior.

Aquela que violar esta lei será violentada por todos os homens da tribo. Muitos índios no Parque Nacional do Xingu usam adornos que envolvem mutilações e alguns tipos de deformação de partes do corpo, principalmente do nariz, orelhas e lábio inferior. Não há melhor exemplo que os enormes discos labiais usados pelos Suiá, do Alto Xingu. São feitos de madeira especial, que fica de molho vários dias, para depois ser trabalhada e pintada em vermelho com urucum. No grupo Suiá, os discos são usados apenas pelos homens casados. Adornos semelhantes são encontrados no grupo Botocudos e Txucarramãe. A aplicação do disco é um processo extremamente cuidadoso: quando o guerreiro se casa, seu lábio inferior é perfurado e um pequeno disco é inserido no orifício. Progressivamente, um disco maior é colocado em substituição ao primeiro, até que o lábio atinja uma dilatação de mais de seis centímetros. Para o homem branco esse tipo de adorno pode ser estranho, mas os Suiá sentem a mesma coisa com relação aos nossos sapatos, pulseiras, brincos e uma infinidade de outros enfeites considerados civilizados. As danças geralmente começam

ao cair da tarde. As bailarinas pintam intrincados desenhos em azul-escuro (suco de jenipapo) e vermelho vivo e brilhante (urucum). Nelas tomam parte todos os homens adultos e algumas mulheres. O restante da tribo constitui a audiência. De tempos em tempos, outras tribos são convidadas para os festejos, onde o acompanhamento musical é feito com instrumentos de percussão rudimentares e flautas. No Parque Nacional do Xingu, as canções têm um significado especial: cada uma delas é considerada propriedade de alguém, sendo a única propriedade privada entre os índios. Esses festejos podem durar muitas horas, mas alguns festivais, como o **quarup**, chegam a durar vários dias. Os exóticos costumes indígenas são raras manifestações de expressionismo humano, que os antropólogos afirmam constituir um museu vivo, mas que está em perigo. O rápido desaparecimento dessas culturas é um fato consumado e o problema da sobrevivência cultural — e talvez psíquica — do índio é um desafio. O avanço da tecnologia e dos modernos sistemas comerciais não poupam as reservas indígenas, produzindo constantes migrações e a conseqüente morte de tribos inteiras. Os exemplos são bastante claros: com a grande corrida da borracha na Amazônia (1890-1914), várias aldeias foram virtualmente destruídas, e o contato com o homem branco, portador de inúmeras doenças, contaminou tribos inteiras. A população do Parque Nacional do Xingu provavelmente é composta por sobreviventes desses massacres. Ali, eles encontraram abrigo.

HEGARA o dia em que qualquer brasileiro poderá percorrer de automóvel a floresta amazônica ou as matas do Xingu. As estradas cortarão a mata de ponta a ponta. Mas nesse dia, os Suiá, os Camaiurá, os Vaurá não estarão dançando mais. E nas tabas, os pajés não mais contarão a lenda de Mavutsinin — aquele que encantou uma concha e foi o pai de todos os índios do mundo.



Na tribo Txicão, as casas são coletivas, abrigando vários membros da família e também hóspedes.